

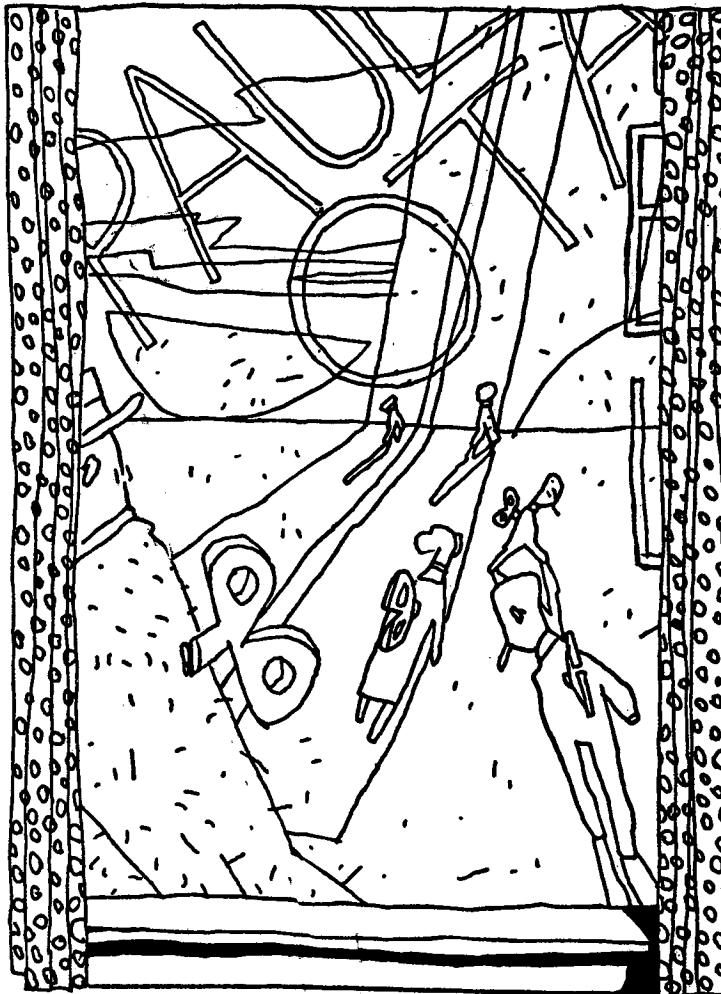
Mas Brasília não existe

NA chegada, ela se emocionou. A cidade é linda, com grandes espaços, cheia de flores, mas assustadora. Pesa saber que é ali que acontecem todas aquelas coisas que lê no jornal. De repente, alguns tapumes com o nome, bem grande: Paulo Octavio. Não tem erro: Brasília é aqui mesmo.

No táxi, antes de chegar no hotel, o primeiro susto; alguém diz "olha o Genebaldo aí atrás". Genebaldo? É, ele mesmo, numa Fiat com motorista, a cinco metros de distância. Visão, no mínimo, perturbadora. Na portaria do hotel, grupos de homens, e ela, com a cabeça cheia, já vai decretando: lobistas, claro.

O tal do poder. Dar uma volta no Congresso é um acontecimento. Parece uma sala de aula (que não é), cheia de jovens alunos indisciplinados (que também não são), e sem uma autoridade para colocar ordem na bagunça. Um deputado discursa, e os colegas nem aí. Quando não estão falando nos celulares, estão em pé, conversando (de costas) na maior animação. Não há uma só pessoa prestando atenção ao discurso, mas nenhuma mesmo. De repente, passa Giuliana Morrone, linda, entrevistando um corrupto. Corrupto? Claro, continuam todos circulando, numa boa, como se nada fosse, ah, Brasília.

"Olha o Mercadante! O Fernando Lyra! O Bisol!" Ver de perto pessoas que você acompanha e admira é o máximo, dá vontade de ir falar, conversar sobre a CPI, saber o que vai acontecer, mas cadê coragem? Passa pela *Ala Alexandre Costa*; mas não é aquele ministro que se recusa a sair? E afinal, por que uma ala com o nome dele? Estranha Brasília. Como tem uma cicerone que sabe tudo, passeia pela sala do cafetinho, é apresentada a parlamentares, e sai para visitar um ministro. Pela primeira vez, socorro.



Na porta do Ministério, 3h da tarde, as câmeras de televisão a postos, para que foi inventar? Vão pensar que foi propor um negócio, vai ter a cara estampada nos jornais, o país inteiro vai achar que está envolvida numa maracutaia. Ai, quanto medo. É paranoia? Será?

É recebida com a maior gentileza. O ministro, inteligente e brilhante, fala da situação, da crise, das saídas para a crise. Ele fala, todos falam, ela não diz uma só palavra. Fica travada, muda e o pior: surda. Não quer ser indiscreta, fazer perguntas. Vai passar por débil mental, e com razão.

Vai a um jantar e tropeça nos políticos, aqueles que estão todos os dias nos jornais e na televisão. É como se tivesse caído de pára-quedas no meio do noticiário da TV, dá para entender? Ah, Brasília.

DANUZA



Mesmo não conhecendo ninguém, ela acha que conhece todo mundo, e que sabe o que pensam. Mas a linguagem é cifrada e, como não conhece os códigos, dança. Volta ao hotel, acha que foi tudo fantasia, mas vê o nome Paulo Octavio em neon vermelho em cima de um prédio, e se convence: foi tudo verdade. Mas Brasília não existe.

PS: Presidente, não há um só brasileiro que não confie na sua honestidade. Mas estamos precisando de mais do que isso, e o episódio Alexandre Costa está pegando mal. Estamos órfãos, presidente. O senhor deve estar indignado, nós também; sofrendo, e nós também. Chegue mais perto, fale com o país. O senhor vai se sentir menos só. Nós também.